

Abrasilizando a economia brasileira

Economia Brasil

04 ABR 2006

JORNAL DO BRASIL

PAULO NOGUEIRA BATISTA JR.

ECONOMISTA



No Ministério da Fazenda, a renovação pode começar imediatamente

Otto Maria Carpeaux escreveu certa vez que Mário de Andrade “destruiu uma tradição teimosa” e “abrasileirou a literatura brasileira”. É o que também precisamos fazer – e urgentemente: destruir uma tradição teimosa e abrasileirar a economia brasileira.

No longo período Malan-Palocci, que durou mais de dez anos, a política econômica do país esteve basicamente nas mãos de brasileiros aculturados na tradição de economia ensinada nos Estados Unidos. Na Fazenda e no Banco Central, predominaram os “brasileiros estrangeiros”, orientados pelos valores e padrões de avaliação do sistema financeiro e das entidades internacionais sediadas em Washington. Quase todos tinham o tal “sofaque espiritual”, para usar uma expressão nelson rodriguesiana. Copiaram servilmente modelos formulados para outras realidades, isto é, para a realidade de nações desenvolvidas, caracterizadas por alto padrão de vida e populações estacionárias ou cadentes. A política econômica brasileira fez sucesso na Febraban e em Wall Street, mas os brasileiros ficaram a ver navios.

O crescimento da economia foi simplesmente ridículo. Entre 1996 e 2005, o Brasil cresceu ano após ano em ritmo in-

ferior à média internacional, como lembrou estudo recente da Confederação Nacional da Indústria (CNI). Por dez anos consecutivos, a economia do país perdeu peso relativo no mundo. A taxa média anual de expansão do PIB do Brasil foi apenas 2,2% nesse período; a da economia mundial, 3,8%.

A média de crescimento do PIB por habitante foi 0,7% no Brasil, uma das menores do planeta, registra o estudo da CNI, baseando-se em dados do FMI e do Banco Mundial. Nesse ritmo, o país levará um século para dobrar o PIB *per capita* e para alcançar um nível

próximo ao que atualmente tem a Coreia do Sul ou Portugal. Durante esses dez anos o Brasil cresceu menos, em termos *per capita*, do que a maioria dos principais países emergentes. E menos do que todos os principais países desenvolvidos, sem exceção. Os Estados Unidos, por exemplo, registraram aumento anual médio de 2,2% no PIB por habitante. Mesmo o Japão, que só recentemente começou a sair de longa crise, cresceu 1% em termos *per capita*.

A leitora terá notado que estou usando o tempo todo os verbos no passado, como se estivesse falando de uma época que passou. Não quero ser otimista demais nem alimentar ilusões. Mas Palocci já não é mais ministro e com ele saíram alguns dos seus principais assessores. O seu sucessor Guido Mantega é de formação desenvolvimentista e vinha sendo um crítico da orientação econômica dos últimos dez anos. Seriam os primeiros sinais de mudança?

Talvez. Sabemos que o quadro não é brilhante. Os “brasileiros estrangeiros” continuam dominando a diretoria do Banco Central e dão mostras de que pretendem seguir à risca o modelo de metas para a inflação, o mais recente modismo internacional em matéria de regimes monetá-

rios. Em 2006, a taxa de juro continuará alta e o câmbio, sobrevalorizado. O próximo governo, qualquer que ele seja, terá de botar essa turma toda para correr.

No Ministério da Fazenda, entretanto, a renovação pode começar imediatamente. Vamos ver se o novo ministro terá liberdade de compor a sua equipe sem sofrer pressões e chantagens. O importante é que ele traga para perto de si “brasileiros brasileiros”, isto é, economistas e outros técnicos sintonizados com os valores e interesses nacionais e os temas do desenvolvimento e da distribuição da renda.

Evidentemente, a estabilidade da moeda nacional e o cuidado na administração das contas públicas devem ser sempre preocupações prioritárias da área econômica de qualquer governo. Mas é preciso perder o medo de crescer. E lançar as bases para que a partir de agora e nos próximos anos o Brasil mobilize o seu imenso potencial de crescimento.

Paulo Nogueira Batista Jr., (pnbjr@attglobal.net) é professor da Fundação Getúlio Vargas em São Paulo e autor do livro *O Brasil e a Economia Internacional: Recuperação e Defesa da Autonomia Nacional* (Campus/Elsevier, 2005). Escreve às terças-feiras, a cada 15 dias.